ORIENTE MÉDIO / O centrista Gadi Eisenkot, líder opositor israelense, firma acordo de coalizão com os Democratas, partido de esquerda, para viabilizar a formação de novo governo. Ele espera contar com o apoio de ultaortodoxos e árabes

Um passo rumo ao fim da era Netanyahu

» RODRIGO CRAVEIRO

Ilia Yefimovich/AFP



Gadi Eisenkot: articulação para se tornar o próximo primeiro-ministro

Ilia Yefimovich/AFP



Netanyahu: aposta em governo nacional com rotação de dois premiês

Logo depois de firmar um acordo de coalizão com o líder opositor Gadi Eisenkot, do partido Yashar (centro), Yair Golan — dirigente do Os Democratas (esquerda) — destacou a importância de selar o destino do premiê Benjamin Netanyahu. "Prometemos aos cidadãos que substituiríamos Netanyahu e protegeríamos a democracia. E é isso que faremos. Conclamo todos os partidos a se reunirem o quanto antes para finalizar e assinar os acordos, formar um governo e conduzir Israel por um novo caminho. Esta é a missão de nossas vidas", declarou. Pouco depois, Golan e Eisenkot divulgaram um comunicado conjunto. "Gadi Eisenkot, presidente do Yashar com Eisenkot, e Yair Golan, presidente de Os Democratas, concordaram em assinar um pacto de coalizão entre os dois partidos", diz o texto.

Apesar de insuficiente para decretar a formação de um novo governo, o pacto entre o Yashar e Os Democratas é um passo importante para destravar o impasse político que vigora em Israel desde 27 de outubro. As eleições legislativas terminaram sem que o bloco de Eisenkot ou de Netanyahu conquistasse a maioria na Knesset (Parlamento), o que invabiliza a criação de um gabinete. Na última terça-feira, o Yashar tinha recebido o aval do partido conservador Israel Beitenu, comandado por Avigdor Lieberman, ex-ministro da Defesa e das Finanças. Eisenkot tem até 6 de dezembro para a formação do governo, mas o prazo pode ser prorrogado por 14 dias.

Eytan Gilboa — cientista político da Universidade Bar-Illan (em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv) — explicou ao **Correio** que o ex-premiê Naftali Bennett ainda busca um governo de unidade com o Likud, partido de Netanyahu. "Ele propõe um sistema de rodízio no cargo de primeiro-ministro, com Eisenkot ocupando a posição inicialmente. Ainda não está claro se Netanyahu aceitaria tal acordo. Yashar e seu bloco começaram a definir os cargos ministeriais, e a nova proposta de governo parece muito superior à gestão de Netanyahu, que está chegando ao fim", admitiu.

Para Gilboa, as possibilidades de Benjamin Netanyahu sustentar a chefia de governo "são mínimas, a menos que Bennett decida romper com o 'bloco da mudança' e se una a ele". "Os principais empecilhos para Eisenkot se consolidar como premiê são os fatores 'tempo' e 'Bennett'. Eisenkot quer formar o governo na próxima semana. Bennett quer mais tempo para convencer Netanyahu."

Recrutamento

Ex-subsecretário da Defesa dos Estados Unidos e consultor senior do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos (CSIS), Dov Zakheim afirmou ao **Correio** que Os Democratas conquistaram quatro ministérios em um eventual governo de Eisenkot. "Além disso, parece que fizeram concessões, pois Eisenkot teria um acordo com o partido ultraortodoxo Judaísmo Unido da Torá (JUT) — que, diferentemente dos Democratas, deseja isentar os estudantes ultraortodoxos do serviço militar. É possível que Eisenkot tenha articulado um meio-termo entre os dois partidos, prevendo uma forma limitada de recrutamento para os ultraortodoxos", explicou.

Zakheim não descarta que Eisenkot dê a Mansour Abbas, líder do partido árabe Ra'am, algum tipo de função ou cargo político no governo. "Se Avigdor Lieberman concordar com isso, Eisenkot fortalecerá o eventual gabinete", avaliou. Para ele, o maior obstáculo para Eisenkot se tornar primeiro-ministro está na articulação política: colocar Lieberman e o Ra'am sob o mesmo guarda-chuva. O especialista considera que a chance de Netanyahu seguir como premiê é "mínima ou nenhuma". Por sua vez, Gilboa alertou que uma coalizão entre o JUT e o Ra'am não é plausível. "Yashar também precisa do apoio dos partidos religiosos, e, ao que parece, ele está a caminho de obtê-lo", disse.

O drama das irmãs gêmeas no cárcere do Irã

Na noite de 24 de janeiro passado, agentes do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) invadiram a residência das gêmeas Taraneh e Romina Rahimi, 21 anos, em Isfahan (centro), a 340km ao sul da capital do Irã, Teerã. As duas tinham participado dos protestos contra o regime iraniano em 8 e 9 de janeiro. Sob a acusação de travarem uma "guerra" contra Alá, as irmãs receberam penas distintas: Taraneh foi condenado à morte; Romina, a 25 anos de prisão.

Primo de Taraneh e de Romina, Masoud Nourmohammadi, 43 anos, afirmou ao **Correio** que as irmãs gêmeas estão em uma condição de saúde ruim. "Nós soubemos que, na semana passada, elas estavam vomitando sangue à noite. Apesar do estado de saúde precário, foi-lhes negada a internação para tratamento clínico", contou o executivo da área de tecnologia, que vive em Utan (Estados Unidos). "Taraneh foi condenada à morte, e Romina, a 25 anos de prisão. O caso está no tribunal superior, mas as chances de as sentenças serem alteradas são pequenas."

De acordo com Nourmohammadi, o advogado das primas, Amir Salar Davoodi, também foi detido e mantido na mesma Prisão de Dowlatabad, em Isfahan. "Taraneh e Romina foram oram submetidos a torturas severas nas instalações do IRGC, onde permaneceram por três meses. Também sofreram agressões sexuais. Quando a mãe delas as viu pela primeira vez, depois de quatro meses, não pôde reconhecer suas filhas. Elas estavam com o rosto e o corpo repletos de hematomas e apresentavam inchaços. Além disso, estavam sem cabelo, pois foram arrastadas pelas mechas de uma cela para outra", relatou.

Nourmohammadi clamou por ajuda da comunidade internacional e falou com carinho de Taraneh. "Precisamos de pressão política máxima sobre o regime islâmico", disse. "Taraneh ama os animais. Ela trabalhava em um centro de treinamento de cavalos. Seu sonho era ter o seu próprio centro no futuro e treinar cavalos. Ela é uma das pessoas mais gentis que conheço." (**RC**)

Masoud Nourmohammadi



Taraneh (D) e Romina Rahimi: a primeira foi condenada à morte

GUERRA NA EUROPA

Putin acusa Ucrânia de ampliar o conflito

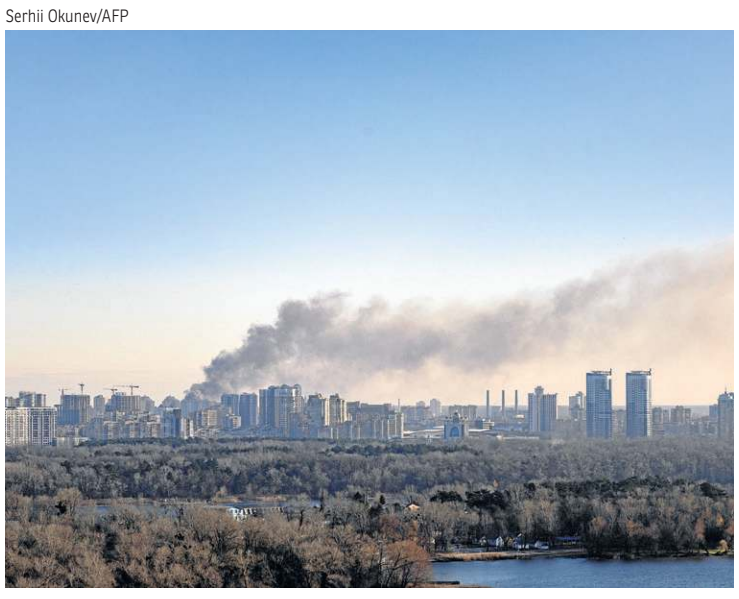
O presidente da Rússia, Vladimir Putin, voltou a acusar ontem a Ucrânia de tentar "ampliar o alcance geográfico" da guerra iniciada há quase cinco anos, quando Moscou invadiu o leste ucraniano. Ele se referia aos recentes ataques do adversário contra navios russos no Golfo da Finlândia e no litoral da Líbia. A queixa coincidiu com um chamado do governante dos Estados Unidos, Donald Trump, para que Putin "reduza a agressão militar" à Europa, para facilitar a busca de uma solução diplomática do conflito.

Trump afirmou que fez o pedido a Putin durante o encontro que tiveram na semana passada, na China. O titular da Casa Branca acrescentou que, em sua opinião, se o colega aceitasse o apelo, isso ajudaria a alcançar um acordo para pôr fim à guerra. Na véspera, Trump recebeu o secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, aliança militar liderada pelos EUA).

"Durante as conversas na China, dediquei muito tempo a apresentar que eu gostaria de ver o presidente Putin retirar toda a agressão militar contra territórios na Europa, na esperança de que se possa alcançar um acordo entre a Rússia e a Ucrânia, e que isso ocorra em breve", escreveu Trump em sua plataforma, a Truth Social. Em meados do mês, a Polônia, que integra a Otan, denunciou a queda de mísseis russos em seu território. O país anunciou o estabelecimento de uma zona de exclusão além dos limites oficiais de seu espaço aéreo.

O apelo de Trump a Putin difere, de maneira notável, do tom que adotou, na cidade chinesa de Shenzhen, durante encontro com o líder russ. O tratamento reacendeu, em Kiev e em várias capitais europeias, o temor de que Trump esteja se reaproximando do Kremlin, em detrimento da Ucrânia. No entanto, após a reunião com Rutte, o presidente norte-americano pareceu mudar novamente de tom.

Serhii Okunev/AFP



Coluna de fumaça sobe de área bombardeada pela Rússia em Kiev

A declaração conjunta assinada por Trump com o líder da Otan diz que os dois "conversaram sobre a importância de que a Rússia evite qualquer ação que, de forma intencional ou não, possa ampliar a guerra". Em contraste com as recentes críticas à Ucrânia por atacar alvos dentro do território russo, dessa vez Trump não censurou Kiev.

Moscou, por sua vez, acusou Kiev de tentar expandir a guerra para os mares Mediterrâneo e Báltico, iniciativa que classificou como "muito perigosa". "Ninguém deseja isso", disse o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov. Dois dias antes, navios russos foram atingidos por drones da Ucrânia no Golfo da Finlândia e no litoral da Líbia — o que Peskov classificou como "atividades terroristas". O porta-voz também disse acreditar que a Ucrânia esteja "disposta a continuar a guerra" e menos inclinada a continuar as negociações de paz pelo que chamou de encorajamento dos aliados europeus.

Em entrevista ao podcast alemão MD Meets, o enviado especial de Donald Trump para assuntos internacionais Jared Kushner, genro do presidente, chamou a atenção para os riscos envolvidos no conflito entre Rússia e Ucrânia. Kushner vem de visitar Moscou e Kiev, nas últimas semanas, em companhia do outro enviado da Casa Branca, Steve Witkoff. "Basta um pequeno erro de cálculo para que a situação saia completamente de controle", advertiu.

Kushner elogiou Putin como "um mestre da política", e ressaltou a "moderação" demonstrada pelo chefe do Kremlin ao "aceitar não recorrer a armas nucleares". O emissário norte-americano admitiu, porém, que "a questão territorial" entre os dois países "se encontra no momento em um impasse". Ele admitiu que se trata de "uma guerra indireta na qual a Europa financia e arma a Ucrânia contra a Rússia".

A Ucrânia anunciou que recebeu 250 corpos que a Rússia afirmou pertencerem a soldados ucranianos, enquanto Moscou informou ter recuperado, em troca, 22 corpos. As trocas de prisioneiros de guerra e de corpos de combatentes mortos dm ambos os lados, na frente de batalha, estão entre os poucos resultados concretos das negociações entre Moscou e Kiev, em guerra desde a invasão russa de 2022.

O organismo ucraniano responsável pelos prisioneiros de guerra informou que especialistas forenses "tomarão as medidas necessárias para identificar os mortos".